

No Dia do Município têm sido homenageadas personalidades e instituições que se destacam pelo trabalho que desenvolvem e cujo contributo meritório para o desenvolvimento da comunidade se torna merecedor de público reconhecimento e homenagem.

Mas, como bem sabemos, este não está a ser um ano igual a qualquer outro anterior. Não é, evidentemente, que não existam pessoas ou organizações que fossem justos merecedores de homenagem. O que difere é que neste ano tão diferente é a força colectiva e o espírito comunitário que demonstram ser o elemento fundamental da vitalidade de qualquer comunidade. E é por isso que este ano não há homenageados individuais. O que há sim é o reconhecimento a todos aqueles que garantiram, mesmo no muito difícil período inicial da pandemia, quando o nosso quotidiano se alterou radicalmente e tantos se confinaram, foram no entanto muitos os que mantiveram actividade e garantiram com isso os serviços e as funções essenciais ao bem-estar da comunidade.

Neste tempo de pandemia que vivemos, não faltaram vozes a anunciar que o mundo pós-covid não será o mesmo. Passando à frente da obviedade de que, como a dialéctica nos ensina, o mundo está

em permanente transformação, esses anúncios, quer se inclinem para a visão idílica de que os predadores se tornarão cordeiros, ou antevejam um mundo pós-apocalíptico, pecam todas por um erro de base: a transformação social só é obra da acção voluntária dos homens e das mulheres – do seu trabalho, da sua inteligência, da sua organização. Ou dito de outra maneira: depois do covid como antes do covid, o mundo é aquilo que fazemos dele. O mundo de desigualdade, de injustiça, de exploração, de opressão, de guerra, de fome, de catástrofe ambiental, mudará um dia, assim o acredito. Mas não será pela acção de um coronavírus. Terá de ser pela acção e pela vontade dos homens e mulheres que quotidianamente constroem com o seu trabalho a sociedade em que vivem.

Contudo, da pandemia e da forma como ela impactou na sociedade e na economia, concretamente no nosso país, resultam importantes lições, assim as queiramos aprender.

As medidas de protecção sanitária determinaram a suspensão súbita do funcionamento normal da economia e da sociedade. Mas nem tudo parou. Centenas de milhares de trabalhadores demonstraram o seu brio, a sua dedicação, a sua competência e a sua consciência e, por entre

dificuldades e riscos, fizeram o que foi necessário para que os bens, os serviços e os apoios não faltassem à população e à economia. Numa sociedade onde o pensamento dominante desvaloriza sistemicamente o trabalho e os trabalhadores, a pandemia tornou clara a sua centralidade – sem trabalhadores não há produção, não há abastecimento, não há saúde pública, não há serviços, não há economia, não há sociedade.

A pandemia também demonstrou a importância de um outro conceito desvalorizado pelo pensamento e pelas políticas dominantes – a soberania. Ao longo de décadas quiseram fazer-nos crer que podíamos abdicar da agricultura, das pescas, da indústria, trocando a produção nacional pelo comércio externo e pela “monocultura” do turismo, para além de abdicarmos do controle nacional sobre os sectores estratégicos da economia. Bastou um abalo provocado por um vírus para revelar que sem produção nacional e sem soberania alimentar, o nosso país (ou qualquer outro, aliás) fica à mercê da conjuntura e das opções externas, incapaz de garantir autonomamente as condições mínimas de sobrevivência ao seu povo.

Outra lição que podemos e necessitamos de tirar da pandemia, é a de que os serviços públicos são

indispensáveis e insubstituíveis. Será que não ficou evidente a diferença entre o Serviço Nacional de Saúde e o seu papel na defesa da saúde, por contraponto ao negócio da doença? Foi o Serviço Nacional de Saúde, nos hospitais, nos centros de saúde e nas unidades de saúde pública, que foi chamado ao papel principal na protecção dos portugueses. E fê-lo, assentando essencialmente na abnegação dos seus profissionais que garantiram que o sistema não colapsasse, pois se há coisa que também ficou evidente foram os danos causados por décadas de asfixiamento do SNS, que resultaram em que, para se preparar para enfrentar o covid, o SNS teve de deixar centenas de milhares de actos médicos por realizar (consultas, cirurgias, exames e tratamentos), com graves consequências na saúde de milhares de portugueses.

Estes breves apontamentos sobre as consequências da pandemia, correspondem integralmente à realidade do nosso Concelho.

Nos momentos mais duros do combate à pandemia, quando o isolamento se impôs como regra, a tornar desertas as nossas ruas e as nossas praças, houve quem nunca tivesse parado. Com a sua acção, esforço e dedicação, garantiram o funcionamento da sociedade e as múltiplas respostas que tiveram de

ser dadas. Foram aqueles que não deixaram confinar a humanidade. Já referi os profissionais de saúde, que são afinal os protagonistas mais óbvios quando o que está em causa é a Saúde Pública. Mas muitos outros sectores não pararam e asseguraram as respostas necessárias à normalidade possível do quotidiano, correndo riscos num período em que a generalidade se resguardava. E se muitos o fizeram por dever e brio profissional, uma referência especial é devida aqueles que o fizeram por entrega voluntária à sua comunidade – na Rede Social, que foi chamada a esforço acrescido, nos Bombeiros Voluntários, no movimento associativo ou nas autarquias, muitos foram os que demonstraram como a solidariedade não é uma palavra vã, mas sim o cimento em que tem de assentar a sociedade humanista, mais justa e mais desenvolvida que ambicionamos e pela qual trabalhamos.

A lista dos profissionais que não pararam é extensa e por isso impossível de aqui referir por inteiro. No entanto, algumas referências são necessárias.

São muitos os sectores que não suspenderam a actividade: a produção e o comércio de bens essenciais, a energia e telecomunicações, os transportes de mercadorias e alguns transportes públicos, as forças de segurança, as residências de

idosos, as escolas, muitas micro e pequenas empresas... e a lista poderia continuar.

Uma referência é devida aos trabalhadores da autarquia, designadamente da higiene e salubridade, das águas e do saneamento, mas também da protecção civil, dos mercados, do atendimento, da segurança no trabalho e da medicina do trabalho, do refeitório, dos assuntos sociais, entre outros. Mas importa sublinhar que ainda em Maio se iniciou o regresso integral ao trabalho na autarquia, que desde então voltou a assegurar integralmente as suas variadas funções, criando as medidas de segurança e reorganização necessárias para garantir a defesa da saúde dos trabalhadores, dos utentes e da população em geral.

Em todos estes sectores existem milhares de trabalhadores que residem ou trabalham no nosso Concelho e é para eles que é dedicada a homenagem do Município neste ano de 2020. Uma homenagem colectiva a todos aqueles que, não tendo nunca parado, deram o melhor de si mesmos para garantir o normal possível nos complexos tempos que nos coube viver. Porque pensamos que este reconhecimento não deve ficar apenas pelas palavras, irá ser instalada num local público do Concelho, no próximo ano, uma peça artística que

tem como tema a frase “Aos heróis do quotidiano, protagonistas destas terras notáveis do Concelho da Moita”.

Mas a pandemia vai passar e, como sempre, é de olhos postos no futuro que temos de guiar a nossa acção.

Os próximos meses continuarão a ser muito exigentes. É provável, segundo as Autoridades de Saúde, que nos meses de Outono e Inverno se verifique um recrudescimento do número de casos positivos de covid-19. Esta perspectiva exige máxima atenção e responsabilidade a todas as instituições. Na administração pública, seja no SNS, nas Escolas, como nas autarquias, estão a acautelar-se e a reforçar as medidas de prevenção para a defesa da saúde pública. Com um elemento central bem presente: tem de se evitar a todo o custo um novo confinamento generalizado, que teria custos tremendos em todos os domínios – na economia e logo no rendimento das famílias, nas condições gerais de saúde física e mental dos portugueses, na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças e jovens.

Está em grande medida nas nossas mãos, a possibilidade de prevenir e evitar os piores cenários

de evolução da pandemia. Responsabilidade colectiva e institucional, certamente. Mas, e a responsabilidade individual? Afinal, se é a nossa saúde, a nossa família, a nossa terra, então não é também a nossa responsabilidade?

Os comportamentos individuais serão decisivos para a forma como vamos continuar a enfrentar a pandemia. É indispensável que cada um adopte as medidas de prevenção e segurança determinadas pelas Autoridades de Saúde.

Mas é necessário igualmente vencer o medo. Responsabilidade e cuidado, sim. Medo não.

O medo paralisa o raciocínio. O medo aumenta a vulnerabilidade à mentira e à desinformação, aos curandeiros e aos seus falsos remédios. O medo aduba o solo em que crescem a xenofobia, o racismo, a demagogia, as tentações antidemocráticas, securitárias ou mesmo abertamente fascizantes. Demasiadas vezes com inesperados (ou nem tanto) companheiros de estrada.

Por isso, as palavras finais são para afirmar que, na condução dos destinos deste Município, é com responsabilidade e confiança que combatemos o medo e avançamos na concretização da visão e do



projecto que temos para o futuro do nosso Concelho.

A pandemia dificulta, atrasa, introduz novos problemas, mas o Concelho que ambicionávamos há seis meses atrás é o mesmo que ambicionamos agora. As novas dificuldades e todos os desafios enfrentam-se procurando novas respostas, redobrando esforços, procurando soluções na participação, no empenho, na vontade e no trabalho de todos aqueles que, seja profissionalmente, seja por dádiva, contribuem com a força imensa do seu trabalho e do seu querer para continuar a construir o Concelho melhor, o futuro de mais desenvolvimento e mais bem-estar que estamos a edificar desde o alvor do Poder Local Democrático. A todos o nosso Obrigado.